



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**APARECIDA IDALINO DE SOUSA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA**

**BRASÍLIA – DF**

**2023**

**APARECIDA IDALINO DE SOUSA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Doutora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias.

BRASÍLIA – DF

2023

## Ficha catalográfica

Idalino de Sousa, Aparecida

IS725c

A Contação de Histórias nos primeiros anos do ensino fundamental como experiência pedagógica / Aparecida Idalino de Sousa; orientador Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias. -- Brasília, 2023. 53 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2023.

1. Contação de histórias.. 2. Cultura oral.. 3. Representatividade.. 4. Acesso a livros de literatura infantil . 5. Leitura.. I. Cobucci Ribeiro Dias, Paula Maria, orient. II. Título.

**APARECIDA IDALINO DE SOUSA**

Matrícula: 18/0139941

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias  
Orientadora - FE - UnB

Profa. Dra. Paula Gomes de Oliveira  
Examinadora - FE - UnB

Prof. Dr. Paulo Henrique de Felipe  
Examinador - FE - UnB

Data: 2/2/2023 (quinta-feira), 17h15

**À minha família, que sempre me guiou com seus conselhos.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a meus pais não apenas pelo dom da vida, mas também por terem sido os principais responsáveis pela pessoa que me tornei e por sempre terem sido pais maravilhosos.

Agradeço a meus irmãos Jeane Sousa e Valtenir Sousa pelos bons momentos que tivemos juntos.

Agradeço de maneira especial aos meus primos Darlan Vale e Camila Andrade que tanto me incentivaram a entrar na Universidade de Brasília.

Agradeço a todos os meus familiares, que para mim sempre foram sinônimos de porto seguro e de bons conselhos e que tanto me ensinaram sobre respeito e união.

Agradeço aos meus professores que me acompanharam durante minha trajetória educacional desde a pré-escola até o curso de graduação.

Agradeço à minha orientadora Paula Cobucci que durante a construção de meu trabalho foi não apenas orientadora, mas também uma grande amiga e incentivadora da produção deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço ao professor da secretaria de educação do Distrito Federal que me acolheu em sua turma na escola classe onde apliquei o Projeto: Amor pelos contos, fábulas e livros infantis em uma escola pública do Distrito Federal.

Agradeço a Universidade de Brasília que foi motivo, nos últimos 5 anos, de tanta aprendizagem, que me trouxe as mais belas amizades e memórias inesquecíveis, que com certeza farão parte de futuras minhas histórias.

**Quando batem as seis horas  
De joelhos sobre o chão  
O sertanejo reza a sua oração**

**Ave Maria Mãe de Deus Jesus  
Nos dê força e coragem  
Pra carregar a nossa cruz**

**– Luiz Gonzaga**

## Lista de figuras

|   |    |
|---|----|
| Imagem 1: A casa onde cresci  | 10 |
| Imagem 2: Meus avós maternos e meus avós maternos   | 13 |
| Imagem 3: Sertão antes e depois da chuva  | 14 |
| Imagem 4: Minha família   | 14 |
| Imagem 5 - Meus avós maternos e seus três filhos (faltou minha tia Francisca)                               | 15 |
| Imagem 6 - Eu, minha tia Francisca e seu filho Gabriel  | 15 |
| Imagem 7 - Meu pai, que é agricultor e apicultor, fazendo sua colheita de mel                               | 16 |
| Imagem 8 - Meu pai e minha sobrinha Ana Beatriz   | 16 |
| Imagem 9 - Eu e minha sobrinha Ana Beatriz  | 16 |
| Imagem 10 - Minha prima Camila e eu quando éramos ainda bem pequenas  | 17 |
| Imagem 11 - Eu e minha sobrinha Heloisa   | 17 |
| Imagem 12- Meu avô Francisco e sua bisnetinha, minha prima Adriele  | 17 |
| Imagem 13 - Minha Vó Maria  | 18 |
| Imagem 14 - Eu e minha prima Adriele  | 18 |
| Imagem 15 - Foto da Família nas férias de dezembro de 2016  | 19 |
| Imagem 16 - Estes são Luís e Jucelina, marido e filha de Maria Nilce, minha contadora de histórias favorita | 19 |
| Imagem 17 - Almoço de domingo 2022  | 19 |
| Imagem 18 - Minha eterna contadora de Histórias   | 20 |
| Imagem 19 - Casamento dos meus pais   | 22 |
| Imagem 20 - Conclusão do ensino fundamental II  | 24 |
| Imagem 21 - Transporte escolar que usei durante o ensino médio  | 25 |
| Imagem 22 - Missa de formatura de conclusão do ensino médio   | 26 |
| Imagem 23 - Nascer do sol   | 27 |
| Imagem 24 – Boneco em papel cartão da joaninha Fifi   | 38 |
| Imagem 25 – Desenho feito por uma das crianças inspirado na copa do mundo de 2022                           | 41 |



|   |    |
|---|----|
| Imagem 26 – Desenho feito por uma das crianças da Joaquina Fifi, seu guarda-chuva e Loreta, a borboleta | 41 |
| Imagem 27 – Loreta, a borboleta   | 42 |
| Imagem 28 – Criança misturando algumas tintas e colorindo seu cavalinho                                 | 45 |
| Imagem 29 – Criança colorindo seu cavalinho   | 45 |
| Imagem 30 – Um dos cavalinhos, após a pintura e o livro que inspirou a atividade                        | 46 |
| Imagem 31 – Crianças executando o jogo relacionado a consciência fonológica                             | 49 |
| Imagem 32 – Criança tomando nota do jogo relacionado a consciência fonológica                           | 49 |
| Imagem 33 – Ficha de anotações do jogo de uma das estudantes e o livro que o inspirou                   | 50 |

## **Lista de quadros**

Quadro 1: Professores da Educação Básica

11

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| APRESENTAÇÃO   | 9  |
| PARTE 1 - MEMORIAL EDUCATIVO   | 10 |
| 1. Contexto político   | 10 |
| 2. Contexto educacional  | 11 |
| 3. Raízes familiares   | 13 |
| 4. Minha história  | 20 |
| 5. Perspectivas Futuras  | 27 |
| PARTE 2 - ARTIGO CIENTÍFICO  | 29 |
| 1. Introdução  | 30 |
| 2. O que é o contar  | 31 |
| 3. Leitura e acesso aos livros   | 33 |
| 4. O que propõe o Currículo em Movimento do Distrito Federal sobre a contação de histórias e da cultura oral | 34 |
| 5. Projeto: Amor pelos contos, fábulas e livros infantis em uma escola pública do Distrito Federal.          | 35 |
| 5.1. Contextualização e Intenções do Projeto   | 35 |
| 5.2. Primeira contação de história   | 37 |
| 5.2.1. Contação da fábula De bem com a vida, da autora Nye Ribeiro(2007)                                     | 37 |
| 5.2.2. Ambientação: O que tem dentro da caixa?   | 37 |
| 5.2.3. Momento da história   | 39 |
| 5.2.4. Levantamento de reflexões proporcionadas pela fábula  | 39 |
| 5.2.5. Momento do desenho  | 40 |
| 5.2.6. Observações gerais  | 42 |
| 5.3. Segunda contação de história  | 42 |
| 5.3.1. Contação da história cavalinho de pau, da autora Mabel Velloso  | 42 |
| 5.3.2. Estudo da capa do livro e de suas principais informações  | 43 |
| 5.3.3. Momento da história   | 44 |
| 5.3.4. Levantamento de detalhes que se sobressaíram da história  | 44 |
| 5.3.5. Pintura e nomeação do cavalinho de papel  | 44 |

|  |    |
|--|----|
| 5.3.6. Observações gerais  | 46 |
| 5.4. Terceira contação de história                                 | 46 |
| 5.4.1. Contação da história Contos Clássicos: Chapeuzinho Vermelho | 46 |
| 5.4.2. Estudo da capa do livro e de suas principais informações    | 47 |
| 5.4.3. Momento da história   | 47 |
| 5.4.4. Levantamento de detalhes que se sobressaíram da história    | 47 |
| 5.4.5. Vamos jogar   | 48 |
| 5.4.6. Observações gerais  | 50 |
| 6. Observações e resultados do projeto                             | 51 |
| 7. Considerações finais  | 53 |
| 8. REFERÊNCIAS   | 53 |

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho está estruturado em duas partes. A primeira é dedicada ao memorial, onde descrevo minha trajetória de vida pessoal e educacional e desenvolvo reflexões a respeito de minhas experiências vividas. Na segunda parte, encontra-se o artigo científico, sendo ele a parte principal deste trabalho.

O artigo está estruturado em cinco partes, são elas: (i) a introdução, (ii) a revisão bibliográfica a respeito do tema, (iii) o relatório do projeto: *Amor pelos contos, fábulas e livros infantis*, realizado em uma escola pública do Distrito Federal, (iv) as Observações e resultados do projeto, onde encontram-se os resultados da pesquisa, descritos de modo a dialogar com a revisão bibliográfica e (v) as considerações finais.

## PARTE 1 - MEMORIAL EDUCATIVO

Eu me chamo Aparecida Idalino de Sousa, nasci no dia 7 de maio de 1999, filha de Júlia Idalino de Sousa e de Francisco Vieira de Sousa, e é nesta casa, da imagem 1, que está localizada em uma pequena comunidade do interior do Ceará<sup>1</sup> a 250 quilômetros de Fortaleza, que minha história começa.

Imagem 1: A casa onde cresci.



Fonte: Acervo pessoal

Neste memorial tentarei ser objetiva e breve, mas existem aspectos familiares, culturais e políticos que são responsáveis pela pessoa que me tornei e, portanto, estarão presentes. No decorrer dos registros, trago respectivamente o contexto político, educacional e familiar, pontos que dialogam com o tópico final intitulado como *Minha História*.

### 1. Contexto político

Para início deste memorial, gostaria de fazer uma linha do tempo do contexto político no qual vivi durante meus 23 anos de vida, pois os aspectos políticos e seus desdobramentos sempre estiveram próximos da realidade na qual cresci, esses pontos serão aprofundados no decorrer da última parte deste memorial.

---

<sup>1</sup> Segue o link para localização no google maps:

<https://www.google.com/maps/dir/-5.150737,-39.93776/Fortaleza+-+CE/@-4.4051644,-39.8479661,9z/data=!4m8!4m7!1m0!1m5!1m1!1s0x7c74c3f464c783f:0x4661c60a0c6b37ca!2m2!1d-38.5270134!2d-3.7327203>

- Governo de Fernando Henrique Cardoso (Segundo mandato 1999-2002)
- Governo Luiz Inácio Lula da Silva (Primeiro mandato 2003-2006, segundo mandato 2007-2010)
- Governo Dilma Rousseff (Primeiro mandato 2011-2014, segundo mandato 2015 até 31 de agosto de 2016 interrompido por conta do golpe)
- Governo de Michel Temer (32 de agosto de 2016-2018)
- Governo de Jair Bolsonaro (2019-2022)
- Governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2023)

## 2. Contexto educacional

Cursei a pré-escola, ensino fundamental I e ensino fundamental II (2003-2013), na Escola de Ensino Fundamental Gonçalo Bezerra do Vale<sup>2</sup>. A escola se encontra na comunidade de Japão e está situada no município de Boa Viagem-CE. Cursei o ensino médio (2014-2016) em um polo de extensão da Escola de Ensino Médio Dom Terceiro, na sede do Distrito Ipiranga, Boa Viagem-CE (a instituição faz uso do prédio de uma das escolas do município, sendo ela a Escola de Ensino Fundamental Manoel Genuíno Vieira<sup>3</sup>).

A seguir, no quadro 1, coloco os nomes dos professores que me acompanharam desde a pré-escola até o fim do ensino médio. A melhor parte de construir esta lista foi entrar em contato com cada uma dessas pessoas, agradecê-las, relembrar momentos extraordinários e recordar a importância desses professores em minha vida. Mesmo com todas as dificuldades presentes no sistema educacional, estes docentes sempre deram seu melhor e são, sem sombra de dúvidas, meus heróis favoritos.

Quadro 1: Professores da Educação Básica

| Pré-escola                                | Fundamental I   | Fundamental II                                 | Ensino médio  |
|---|---|--|---|
| Zelidia Vale/ Todos os anos da pré-escola | Rosimeire Vieira / Todas as disciplinas do 3º ano         | Cicero Neto / Português e inglês / 5º e 6º ano | Cilene Lobo / Português e Inglês / 1º, 2º e 3º ano  |
|   | Josimar Barboza / Todas as disciplinas no 1º, 2º, 4º anos | Rosa vieira / Português e inglês / 7º, 8º e 9º | Jilmar Lobo / Matemática e Física / 1º, 2º e 3º ano |

<sup>2</sup> Localização da escola em que cursei a pré-escola e o ensino fundamental: <https://goo.gl/maps/EWP7rRhC19eJIsfg7>

<sup>3</sup> Localização da escola em que cursei ensino médio: <https://goo.gl/maps/WuGQomogRThGDwvQL9>

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  | Antônia Alves /<br>Matemática e Ciências /<br>5° ao 9° ano             | Lindomar Bezerra /<br>Química / 1°, 2° e 3° ano                          |
|  |  | João Paulo / Geografia,<br>História, Arte e Religião /<br>5° ao 9° ano | Irlene França / Sociologia,<br>Filosofia e Arte / 1°, 2° e<br>3° ano     |
|  |  |  | Ivandi Vieira / Educação<br>Física e História / 1°, 2° e<br>3° ano       |
|  |  |  | Cristiane Bezerra /<br>Biologia, Geografia e<br>Física / 1°, 2° e 3° ano |

Fonte: Elaborada pela autora

Como pode ser observado no quadro 1, quando cursei o ensino médio (2014-2016) muitos dos professores eram responsáveis por duas ou três disciplinas, pois, no interior, onde eu morava, não tinha professores suficientes para todas as áreas do conhecimento. Sendo assim, os professores que já atuavam na instituição realizavam minicursos de uma ou duas semanas no início do ano e assim aplicavam as disciplinas que estavam sem professor. A situação só foi regularizada na instituição em 2017. Eu trouxe essa informação, para relatar que estudei em uma escola estadual que não tinha professores formados em todas as áreas de atuação até 2017.

Em 27 de janeiro de 2017, eu me mudei para Brasília, uma tia me convidou para morar com ela e fazer um cursinho pré-vestibular para tentar ingressar na universidade. Como eu tinha acabado de concluir o ensino médio e não tinha instituição pública no município, aceitei a proposta. Fui muito bem acolhida por meus familiares e sou imensamente agradecida a eles.

O cursinho pré-vestibular foi um grande desafio, porque eu tinha defasagem em praticamente todas as áreas do conhecimento do ensino médio, até os dias atuais estou lapidando minha formação básica. Após um ano de cursinho pré-vestibular, ingressei na Universidade de Brasília no curso de Tradução Espanhol. Não me identifiquei e troquei para o curso de Pedagogia.

Desse modo, a partir do meu ingresso no curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, descobri não só minha paixão pela docência, mas também a vontade de estudar o sistema educacional, para que eu pudesse entender um pouco a respeito de minha própria realidade e experiência educacional. Professores como Catarina Almeida Santos, Paulo Sérgio



Bareicha, Paula Cobucci e outros marcaram meu percurso enquanto estudante e como cidadã, esses docentes foram pessoas maravilhosas que me ajudaram a ser uma pessoa mais crítica perante a sociedade e que dará o seu melhor no fazer docente.

### 3. Raízes familiares

As próximas imagens são de meus familiares e de alguns vizinhos, que na comunidade em que cresci são como parte da família.

Imagem 2: Meus avós paternos a esquerda e meus avós maternos a direita.



Fonte: Acervo pessoal

Logo acima, na imagem 2, estão meus avós paternos e maternos, respectivamente: Francisca Vieira de Andrade, Severino Vieira de Sousa, Maria do Carmo do Vale e Francisco Idalino do Vale. Adianto-lhes que Francisca Vieira de Andrade e Francisco Idalino do Vale são ilustríssimos contadores de histórias. Com o dom da oralidade, me contaram muito de suas experiências, de suas dores, de suas crenças e de suas vidas. Francisca não está mais entre nós, mas carrego em minhas lembranças muitas de suas histórias. Tive uma infância colorida pelo amarelo que toma conta do sertão na seca e pelo verde que vem com a chuva, como podemos ver na imagem 3, ao som das inesquecíveis histórias de meus avós, debaixo do alpendre de suas casas. Estas fotos foram tiradas debaixo do alpendre da casa dos meus avós maternos.

Imagem 3: Sertão antes e depois da chuva.



Fonte: VALE, Darlan Vale. Antes e depois da chuva. 2022. Disponível em:  
<https://instagram.com/darlanvieira3?igshid=NDk5N2NlZjQ=>

A imagem 4 foi registrada em 25 de janeiro de 2022 e é minha foto preferida, porque nela estão, respectivamente da esquerda para direita, minha mãe (Júlia), meu irmão mais velho (Valtenir), minha irmã (Jeane), eu (Aparecida, sou a caçula) e meu pai (Francisco). A estas pessoas tenho muito a agradecer por tudo o que fizeram por mim. Carrego comigo um profundo amor incondicional por cada um deles.

Imagem 4: Minha família.



Fonte: Acervo pessoal

Logo a seguir, nas imagens de 5 a 17 que são fotos dos meus avós, tios, primos(as), cunhada e irmãos. Não vou seguir nenhum modelo explicativo, é o bastante que eles saibam que fazem parte do grupo pelo qual eu faria qualquer coisa para mantê-los bem. Tias com gostinho de mães, primos com jeito de irmãos, sobrinhas com manias de filhas.

Deixo registrado que foi indescritível o alívio de ver cada uma dessas pessoas tendo acesso a vacina contra o Covid-19. Em um momento em que muitas famílias sofreram a dor da perda, agradeço a Deus por ter protegido minha.

Imagem 5 - Meus avós maternos e seus três filhos (faltou minha tia Francisca).



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 6 - Eu, minha tia Francisca e seu filho Gabriel.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 7 - Meu pai, que é agricultor e apicultor, fazendo sua colheita de mel.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 8 - Meu pai e minha sobrinha Ana Beatriz.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 9 - Eu e minha sobrinha Ana Beatriz.

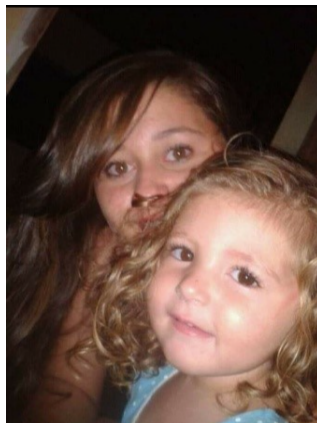


Imagem 10 - Minha prima Camila e eu quando éramos ainda bem pequenas.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 11 - Eu e minha sobrinha Heloisa.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 12- Meu avô Francisco e sua bisnetinha, minha prima Adriele.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 13 - Minha Vó Maria.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 14 - Eu e minha prima Adriele.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 15 - Foto da Família nas férias de dezembro de 2016



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 16 - Estes são Luís e Jucelina, marido e filha de Maria Nilce, minha contadora de histórias favorita.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 17 - Almoço de domingo (2022)



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 18 - Minha eterna contadora de Histórias: Maria Nilce do Vale.



Fonte: Acervo pessoal

A imagem 18 é de alguém muito especial, esta mulher se chama Maria Nilce do Vale. Infelizmente, ela não está mais entre nós, ela era prima da minha mãe e morava perto da minha casa. Passei muitas tardes da minha infância em sua casa, sempre tive um apego muito especial a ela. Nilce gostava de crianças, era casada com Luiz do Vale. Por problemas de saúde, Nilce só teve uma única filha, Jucelina, que é 13 anos mais velha que eu e que tornou-se minha madrinha de crisma.

Maria Nilce possui um lugar especial neste memorial, porque além de ser alguém muito especial para mim, ela foi a inspiração, em conjunto com meus avós, para este artigo, pois ouvi muitas de suas histórias. Por volta de 2006, Nilce participava de um grupo de educação de jovens e adultos (EJA) da comunidade e, nos seus antigos livros didáticos, que ela guardava, ano após ano, fábulas e contos. Lembro-me, claramente, de pedi-la muitas vezes para me contar a história "Sol Com Chuva, Casamento da Raposa". Lamento não ter uma fonte para a história, mas ainda sinto a empolgação que a história me proporcionava quando ela explicava como surgiu o arco-íris. Esta lenda popular me traz lembranças belíssimas. Por meio da contação de histórias, espero poder proporcionar para as crianças nas escolas um pouco dessas indescritíveis sensações que as histórias me proporcionaram na infância.

#### **4. Minha história**

Bom, depois de introduzir um pouco do contexto político, escolar e familiar, vou começar a condensar os fatos e histórias que compõem minha vida. Minha rainha particular, a qual chamo orgulhosamente de mãe, se chama Julia Idalino de Sousa, e ela é natural do



interior em que nasci, Boa Viagem-CE. O homem da minha vida, no qual busco inspiração, atende pelo nome de Francisco Vieira de Sousa, meu pai. Ele é natural de Riacho dos Cavalos, Paraíba. Como eles se conheceram? Bem, vamos ver.

Meus avós paternos tinham um lote de terra às margens de um rio na Paraíba, nas proximidades da cidade Riacho dos Cavalos. Esse terreno despertou interesse do dono de uma fazenda vizinha e uma disputa injusta de poder, na qual o fazendeiro, usando de intimidações violentas, fez com que meus avós optassem pela segurança de seus 9 filhos (futuramente, 14) e vendessem suas terras por um preço bem mais abaixo do que realmente valiam na época. Em seguida, a família mudou-se para o interior do Ceará, para o Município de Boa Viagem, no ano de 1977. A realidade das pessoas que moravam no interior do município era bem difícil, o local era marcado pela seca e pela miséria para muitos moradores.

A família do meu pai foi morar de favor em uma casa que estava vazia e pertencia aos pais de minha mãe. Meus avós maternos abrigaram em 1977 a família de meus avós paternos, que sofreram a dura realidade da violência provocada pela grilagem de terra. A residência ficava a apenas alguns metros da casa onde morava minha mãe e sua família. Desse modo, meu pai, aos 11 anos, conheceu minha mãe, que na época tinha 5 anos de idade. As famílias ficaram muito amigas, alguns anos se passaram e meus avós paternos conseguiram comprar um lote de terra um pouco distante de onde morava minha mãe. Cerca de 13 anos depois, a amizade entre meus pais se tornou algo mais sério. Após atingirem a maioridade e depois de alguns anos de namoro, se casaram no dia 26 de setembro de 1991, como podemos ver na imagem 19.

Imagem 19 - Casamento dos meus pais.



Fonte: Acervo pessoal

O primeiro filho foi meu irmão, Valtenir, e a segunda filha foi minha irmã, Jeane. O fato é que, em setembro de 1998, minha mãe descobriu que a família, como diziam os mais velhos, iria aumentar novamente e eu estava a caminho. Em 07 de maio de 1999, nasci no auge de meus 4 quilos. Minha mãe me deu o nome de Aparecida Idalino de Sousa, este nome foi escolhido em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, minha mãe é devota da santa e, como o meu parto teve complicações, minha mãe homenageou a santa por tudo ter acabado bem.

Considerando a perspectiva política, eu nasci durante o segundo mandato do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), não tenho muito a relatar a partir de minhas lembranças sobre os malefícios e benefícios do governo, pois não tenho lembranças da época.

O último ano do governo de Fernando Henrique foi marcado pela vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e já no ano seguinte (2003) comecei a frequentar a escola. Eu me recordo que, em meu primeiro ano escolar, sempre estava grudada com minha amiga Tauany e não posso esquecer de falar de meu amigo Marcelo. Estas duas pessoas conviveram comigo da pré-escola até ensino médio, até hoje guardo boas lembranças e muita saudade. Essa é uma das características mais interessantes do sistema educacional no interior, onde o número de habitantes é pequeno e a trajetória escolar é feita praticamente com a mesma turma no decorrer dos anos.

Continuando, em 2003, o presidente Lula tomou posse. Durante seu primeiro mandato, buscou melhorar a distribuição de renda, criando o bolsa família, o que ajudou muito minha família e muitas outras, pelo fato de que quase todas as famílias que moram no interior não

tinham renda fixa no fim do mês. De modo geral, o bolsa família foi, por muitos anos e continua sendo, a garantia de que muitas famílias brasileiras terão comida na mesa, inclusive foi garantia da minha. E só deixou de ser quando minha mãe conseguiu aprovação em um concurso público, para auxiliar de serviços gerais, em 2005.

Durante o fundamental I, fui uma aluna mediana, eu não tinha as melhores notas. A escola em que estudei tinha muitas limitações, aproximadamente até 2008 a instituição contava com apenas 2 salas de aula. Durante o segundo mandato do governo Lula, a estrutura da escola onde estudei foi renovada, passou de uma escola com apenas duas salas para cinco salas, com direito a laboratório de informática e uma pequena biblioteca. A partir desse momento, passou a ser possível pegar livros, além dos didáticos, para ler em casa e tínhamos aulas básicas de informática, embora não tivéssemos acesso à internet. Eu me mudei para Brasília em 2017 e ainda não tinha internet na escola, nem sinal de celular na comunidade.

Nos últimos três anos do ensino fundamental, tive um salto no desenvolvimento e comecei a ter boas notas. Ainda me lembro da sensação de novidade do fato de gostar de estudar. Uma curiosidade que será importante para este memorial é a criação do SISU, em 2010. Na época, não fiquei sabendo e, infelizmente, até hoje é bem raro que alguém do interior do Ceará, de onde vim, consiga uma vaga em uma universidade pública. Acrescento que essa informação não está aqui para demonstrar que consegui através de minha força de vontade e, sim, para contextualizar que os jovens espalhados pelos interiores do Brasil, muitas vezes, não têm escolha ou perspectiva de carreira.

A imagem 20 é o registro da minha festinha de conclusão do ensino fundamental, uma época que deixou saudade e que traz boas lembranças.

Imagem 20 - Conclusão do ensino fundamental II.



Fonte: Acervo pessoal

Cursei durante o governo da presidenta Dilma Rousseff os três últimos anos do ensino fundamental e os três anos do ensino médio. Atualmente, o contexto educacional do interior onde morei passou por melhorias significativas, porém ainda insuficientes para atender os estudantes do campo como deveria.

Um dos maiores legados do governo de Dilma Rousseff para a realidade em que eu vivi foi o programa “Água para todos”, que foi projetado no último ano do governo Lula e posto em prática durante o governo Dilma. O sertão cearense tem um histórico muito delicado em relação a secas que assolam parte do nordeste. Meu avô materno me contava histórias desde quando eu era ainda bem pequena, as quais adoro ouvir até hoje quando viajo para o Ceará para visitar minha família. Ele relatava que seus pais, meus bisavós, sofreram muito com uma longa seca em 1932, foi uma época em que as pessoas chegavam a triturar ossos de animais para cozinhar, por não ter o que comer e cavar vários poços nos leitos dos rios secos por falta de água. Essa história foi a forma mais clara que encontrei para relatar como é importante, para muitos nordestinos, ter estrutura para armazenar água. Os benefícios do programa Água para todos estão estampados em minha comunidade, por exemplo, entre 2010 e 2017, o volume das chuvas ficou abaixo da média e o fato de todas as casas terem um reservatório de água poupou muitos de sofrerem novamente com a falta de água potável.

Comecei o ensino médio em 2014 e concluí em 2016. Tive que mudar de escola, pois a única que oferecia segundo grau ficava no distrito mais próximo, a cerca de uma hora de pau de arara de onde morava. O transporte era semelhante ao da imagem 21, logo a baixo, (atualmente a situação está regularizada no município de Boa Viagem-CE, os alunos vão de

ônibus. É triste saber que a regularização só veio após a morte de um estudante de 12 anos que caiu de um pau de arara em 2011. A notícia circulou por vários jornais, como, por exemplo Diário do Nordeste<sup>4</sup>.

Imagem 21 - Transporte escolar que usei durante o ensino médio.



Fonte: Acervo pessoal

Tive um bom desempenho durante meu ensino médio, porém um dos maiores problemas enfrentados foi o fato de não ter tido professores formados nas seguintes áreas: sociologia, filosofia, biologia, química, artes, física, inglês, educação física e espanhol. Apenas em 2017, a situação foi regularizada. Os professores responsáveis por essas disciplinas tinham um treinamento básico, sei que dentro de sala de aula eles deram o seu melhor, mas esse sistema prejudicou os estudantes durante vários anos.

Nesse contexto, tive um ensino médio bem calmo, sem pressão, pelo fato de não ter maturidade e uma visão crítica de minha realidade. Em 2016, concluí o ensino médio, como podemos ver na imagem 22. Guardo boas lembranças dos meus colegas e professores.

Imagem 22 - Missa de formatura de conclusão do ensino médio.

---

<sup>4</sup> Diário do Nordeste#, 16 de Set de 2011, segurança, Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/aluno-morre-quando-ia-de-pau-de-arara-a-escola-1.739526?page=9>>. Acesso em: 24 de Jan de 2023.)



Fonte: Acervo pessoal

Sempre fui muito apegada a minha família, mas no último ano do ensino médio comecei a encarar que o lugar onde morava era pequeno para meus sonhos. Em 22 de dezembro de 2016, meus tios e primos, que moram em Brasília, foram passar suas férias com meus avós no interior de Boa Viagem-CE, e meus primos me incentivaram a ir para Brasília e assim poder realizar o sonho de cursar o ensino superior. Meus tios, os quais considero tanto quanto meus pais, me chamaram para morar em Brasília e me ofereceram o mesmo conforto e afeto da casa de meus pais. Nunca agradecerei o suficiente por tanto apoio e carinho.

Ao chegar a Brasília, novamente através da influência de meus primos, fiz um curso pré-vestibular anual. Confesso que foi um ano bem difícil, entre a saudade da família e o estresse, chorei muitas vezes. Foi doloroso ficar longe do círculo social que foi construído durante uma vida, ao mesmo tempo que pesava o fato de eu ter dinheiro para apenas um ano de cursinho. No final deste mesmo ano, iria realizar uma prova que definiria se eu iria cursar ou não o ensino superior.

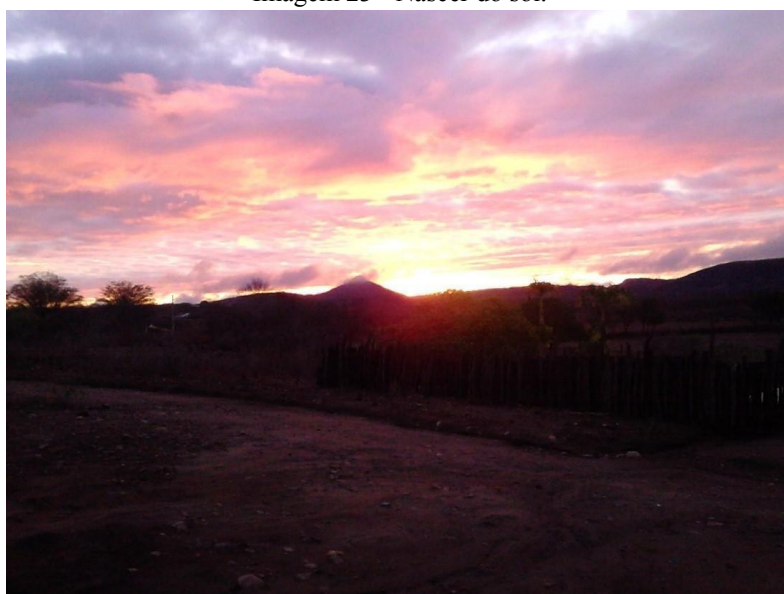
Na primeira chamada do Enem de 2017, que aconteceu no começo de 2018, participei do Sistema de Seleção Unificada (SISU), e fui aprovada no curso de Tradução Espanhol na Universidade de Brasília. Não era o curso que eu almejava, mas escolhi esta opção por questão de nota. Fiz um semestre do curso e descobri que não me encaixava na área. No mesmo ano fiz inscrição para as vagas remanescentes da Universidade de Brasília e fui aprovada novamente na instituição, no curso de Pedagogia.

O ensino superior me pareceu muitas vezes algo impossível durante o ano de 2017. Ver meu nome naquela lista foi uma das maiores alegrias da minha vida, ver que todo o esforço valeu a pena não tem preço. Atualmente, estou cursando o nono semestre na Universidade de Brasília. Às vezes, nem acredito que cheguei até aqui e que me identifiquei

de forma tão profunda com o curso. Não tenho dúvidas de que faria tudo de novo. Fiz muitas escolhas ao longo do caminho, sendo algumas boas, outras nem tanto, mas tenho a certeza de que construí memórias, amizades e vivências inesquecíveis.

A comunidade em que cresci teve significativas melhorias na qualidade de vida desde 2017, mas ainda necessita de políticas públicas que promovam acesso à educação de qualidade e mais acesso à saúde. A imagem 23 mostra a vista do nascer do sol da casa dos meus pais no interior. Meu sonho é que, um dia, os jovens desse lugarzinho maravilhoso, que carrega as minhas mais doces lembranças, não tenham mais que escolher entre o conhecimento e suas famílias.

Imagem 23 - Nascer do sol.



Fonte: Acervo pessoal

## 5. Perspectivas Futuras

Este memorial foi um dos processos de escrita mais diferentes da minha vida, pois ele perpassou por muitos momentos marcantes, mas, principalmente, através do exercício de escrevê-lo, pude perceber que deixei para trás o sentimento de que tive muitas dificuldades na trajetória educacional e passei a refletir mais a respeito do quanto amadureci nos últimos anos.

Em relação a perspectivas profissionais, pretendo atuar, primeiramente, como professora em escolas públicas e, a partir dessa experiência como docente, voltar à Universidade para dar continuidade a minha formação. A princípio irei me dedicar a estudar

para concursos públicos no Distrito Federal e em Fortaleza, com foco maior em Fortaleza, por ter a possibilidade de morar mais próximo dos meus pais.

Como perspectivas acadêmicas, pretendo ingressar no mestrado futuramente e minha pesquisa será direcionada para a construção de uma colônia de férias, que utilizará a contação de histórias como recurso facilitador da alfabetização, na comunidade em que cresci. Acredito que pesquisar dentro dessas pequenas comunidades pode ser uma forma de promover mais informações a respeito da realidade das escolas no campo e das dificuldades que muitas vezes elas enfrentam, por falta de acesso a políticas públicas que muitas vezes parecem tão básicas, além de possibilitar que os estudantes dessas escolas tomem conhecimento das possibilidades geradas a partir da universidade pública.



## PARTE 2 - ARTIGO CIENTÍFICO

### Artigo

# A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL COMO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Aparecida Idalino de Sousa

### Resumo

Este artigo teve como objetivo compreender a contação de histórias nos primeiros anos do ensino fundamental como uma experiência pedagógica. No que diz respeito à metodologia, o trabalho foi desenvolvido a partir da pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação. O artigo está estruturado em cinco partes, sendo elas: (i) a introdução, (ii) a revisão bibliográfica a respeito do tema, (iii) o relatório do projeto: *Amor pelos contos, fábulas e livros infantis*, realizado em uma escola pública do Distrito Federal, (iv) as observações e resultados do projeto, onde encontram-se os resultados da pesquisa, descritos de modo a dialogar com a revisão bibliográfica e (v) as considerações finais. Este estudo evidenciou que a contação de histórias, em sala de aula, traz possibilidades significativas, pois é capaz de promover estímulos que auxiliam as crianças a compreenderem seus sentimentos, desperta o interesse nos livros e gera momentos de identificação sociocultural.

**Palavras-chave:** Contação de Histórias. Experiência Pedagógica. Leitura.

### Abstract

This article had as an objective to understand storytelling in the early years of elementary school as a pedagogical experience. With regard to the methodology, the work was developed from bibliographical research and action research. The article is structured in five parts, which are the introduction, the bibliographic review about the topic, the report of project: *Love for tales, fables and children's books*, carry out in a public school of Federal District, the final considerations, where the search result are located, it is describe in a way to dialogue with bibliography review, and the fifth part is destined to the bibliographic references. This study evidenced that storytelling in the classroom brings significant possibilities, because it is capable of promoting stimuli that help children to understand their feelings, it arouses the interest of books and creates moments of culture identification.

**Keywords:** storytelling, pedagogical experience, reading.

## 1. Introdução

A contação de histórias tem se mostrado ao longo dos anos uma ação muito significativa para o compartilhamento cultural e um pilar importante dentro da cultura oral, desse modo o contar tem sido também um excelente meio de promover boas experiências pedagógicas em sala de aula. O ato de ler e contar histórias é, em si, um ato social, pois é através da cultura oral e da leitura que se tem acesso a conhecimentos e a traços culturais de um povo, podendo proporcionar para as crianças que ouvem as histórias o sentimento de identificação cultural da realidade em que ela vive, como propõe Busatto (2012, p. 87): “há nas lendas regionais e nos casos populares um conhecimento que não deve ser desprezado, pois eles indicam a produção cultural de um povo, suas crenças, temores e anseios íntimos”.

Levando em consideração a complexidade e a riqueza, historicamente registrada, da contação de histórias, o contar pode mostrar-se um caminho para estimular nas crianças a vontade de ler, a imaginação, o entendimento de sua personalidade, o afeto, a identificação cultural e o desenvolvimento de reflexões a respeito do meio em que ela está inserida. Logo, compreender esses estímulos e capacidades da contação de histórias é de grande relevância tanto para o docente quanto para o discente. Compreender melhor as possibilidades de uma ferramenta que possa despertar o interesse pela leitura e auxiliar a criança durante seu processo de construção do conhecimento é uma experiência importante para o fazer e a reflexão docente.

A metodologia utilizada neste trabalho foi voltada a pesquisa bibliográfica, realizada através da leitura de produções acadêmicas e científicas relacionadas à contação de histórias, seguindo a mesma concepção proposta por Gil (2017, p. 44), que propõe que “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A pesquisa-ação também foi uma metodologia utilizada para a realização da parte prática da pesquisa. Segundo Gil (2017, p. 143) a pesquisa-ação é voltada para a reflexão a partir de uma realidade previamente conhecida, onde se observam as demandas necessárias, sendo que, a partir da observação, planeja-se uma ação e, a partir dos resultados, dela se avalia a prática.

A pesquisa-ação é uma ferramenta muito importante para o fazer docente, por estimular a observação e o exercício de melhorar constantemente a prática docente mediante os resultados das ações pedagógicas. Desse modo, o presente artigo tem como objetivo

compreender a contação de histórias nos primeiros anos do ensino fundamental como uma experiência pedagógica. Tem como objetivos específicos para a pesquisa: (i) pesquisar o engajamento dos estudantes com os livros e os temas propostos; (ii) investigar as relações dos educandos com suas vivências a partir das histórias contadas; (iii) observar os comportamentos dos estudantes em relação ao livro; (iv) compreender o que a contação pode provocar nas crianças desde o momento em que são estimuladas a inferir possibilidades a respeito da capa do livro até a pós-leitura

Esta pesquisa teve como principais procedimentos metodológicos: realizar uma pesquisa bibliográfica a respeito da contação de histórias, investigando o ato de contar e as suas possibilidades em sala de aula; desenvolver um projeto de contação de histórias em uma escola pública do DF e articular os resultados das observações e reflexões do projeto com a pesquisa bibliográfica.

O presente artigo está estruturado em cinco partes, a primeira é (i) a introdução, (ii) a revisão bibliográfica a respeito do tema, (iii) o relatório do projeto: *Amor pelos contos, fábulas e livros infantis*, realizado em uma escola pública do Distrito Federal, (iv) as observações e resultados do projeto, onde encontram-se os resultados da pesquisa, descritos de modo a dialogar com a revisão bibliográfica e (v) as considerações finais.

## **2. O que é o contar**

O hábito de contar histórias possui raízes profundas na história da humanidade, contribuindo com o compartilhamento de traços culturais geração após geração e encantando crianças e adultos. Sendo um pilar importante dentro da cultura oral, o contador pode ser aquele que conta as mais belas histórias e ensinamentos de seu povo, como também pode ser alguém que encanta através das histórias registradas nos livros ao longo dos séculos. O contar, portanto, tem como característica ser uma das mais belas expressões artísticas e culturais desenvolvidas pelo homem. Para Busatto (2012, p. 10) “Contar histórias é uma arte, porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser”. Ao compartilhar uma história com seus ouvintes, o contador está muitas vezes imergindo sua plateia em uma perspectiva nova, em que se confronta e experimenta novos sentimentos.

O ato de contar uma história, em geral, vem acompanhado de intenções, essas que propõem desde deleitar-se sobre uma narrativa até as mais complexas intenções pedagógicas, morais e de incentivo a reflexões da realidade em que o indivíduo se encontra. Por exemplo,

como propõe Malba Tahan (1966, p. 19), “em todos os recantos do mundo civilizado, os contos e as fábulas foram empregados no ensino da Ética; são formas populares, condensadas, da sabedoria popular”. Sendo assim, o ato de contar histórias vêm fazendo parte da trajetória do homem a partir de diferentes intencionalidades.

Nessa perspectiva, um aspecto importante, visado no decorrer deste trabalho, será a contação de história com intencionalidade pedagógica. Este artigo não tem a intenção de reduzir o campo de estudos da contação de história e da cultura oral unicamente como um método educacional, mas sim tem o intuito de reconhecer o potencial do ato de contar histórias dentro da sala de aula e observar alguns dos desdobramentos desse exercício. Busatto (2012, p. 10) afirma que:

Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos étnicos. O conto pode ser o estímulo que dará origem a estas e muitas outras reflexões. Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala de aula, onde diferentes áreas do conhecimento podem ser abordadas e pesquisadas.

Diante do exposto, a contação de histórias em sala de aula pode favorecer a Multidisciplinaridade, essa que propõe várias disciplinas abordando um mesmo tema, como conceitua Moreira (2017, p. 224) “Multidisciplinaridade se caracteriza por uma ação simultânea de várias disciplinas sobre um determinado assunto, cuja fragmentação disciplinar ainda é reinante, pois não há trocas entre as áreas”. Contempla a Interdisciplinaridade, que tem como conceito a junção de conteúdos de duas ou mais disciplinas, com intuito de ampliar os conhecimentos dos estudantes. “Na interdisciplinaridade há coordenação e reciprocidade entre as ações disciplinares, que são articuladas e têm como meta a construção de um conhecimento comum.” (MOREIRA, 2017, p. 225). Favorece também a transdisciplinaridade que compreende a educação e as disciplinas de forma unificada, através da junção das disciplinas, Moreira (2017, p. 227) descreve a transdisciplinaridade como “uma etapa superior à interdisciplinaridade onde há uma integração global das várias ciências, não sendo possível separar os níveis disciplinares”. Logo, essas são perspectivas que de certa forma delimitam formatos da educação e da sala de aula e é importante ressaltar que a contação de histórias tem a capacidade de transversalizar todas elas e contemplar suas características.

Certamente, um aspecto importante da contação de história é a preparação do contador, pois o contar exige que o indivíduo se aproprie de elementos, de modo a se atentar aos detalhes desde o momento de ambientar a plateia até o momento de se despedir, para que se possa ser um bom contador. Segundo Malba Tahan (1966, p. 29), o contador precisa se

apropriar da história antes de contá-la, é necessário emocionar-se e apaixonar-se pela narrativa para, a partir de então, ser capaz de transmitir as emoções que a história propõe. O contador também precisa ter uma boa relação com o auditório ou a pessoa ou pessoas que estão escutando a história, se atentar ao tom de voz, à expressão facial e corporal, entre outros aspectos. O autor ainda afirma que “aquele que tiver a insensatez de tentar a narrativa de uma história, sem dominar com precisão o enredo, praticará uma levandade” Malba Tahan (1966, p. 30).

Diante do exposto, pode-se inferir que o contar exige preparação e também que se tenha amor pelo ato de contar histórias, para que, a partir de então, se possa encantar e inspirar a partir delas. Assim sendo, o contar promove muitas possibilidades, principalmente dentro da sala de aula, onde a contação de histórias pode ser uma das primeiras formas de contato entre a criança, a leitura e os livros. Com o intuito de refletirmos a respeito desse aspecto, o próximo tópico terá a leitura como principal elemento.

### **3. Leitura e acesso aos livros**

A contação de histórias perpassa um elemento muito importante, que é a leitura, sendo que a prática da leitura é um ato de extrema importância na formação do ser humano como um cidadão. A leitura vai muito além da capacidade de decifrar caracteres, pois possibilita acesso a informações sociais e culturais do contexto em que o indivíduo está inserido e de outras realidades que a história propõe e, assim, possibilita a leitura não apenas de palavras, mas sim de diversas realidades conhecidas ou desconhecidas até então pelo leitor. Como propõe Berenblum e Paiva (2006, p. 26) “a leitura, como prática sociocultural, deve estar inserida em um conjunto de ações sociais e culturais e não exclusivamente escolarizadas, entendida como prática restrita ao ambiente escolar.” A leitura é um campo complexo das ciências, que contém ferramentas para interpretar, compreender e transformar realidades, mas para que possa ser percursora de tais finalidades, os indivíduos precisam ter acesso a ela, precisam de experiências de leitura para que possam ser contemplados pelas suas possibilidades. Como pontua Scholes (1991):

A leitura, com quanto possa considerar-se um determinado tipo de ação, não constitui a sua totalidade, mas sim parte dela, permanecendo incompleta a não ser (e até que) seja absorvida e transformada nos pensamentos e nos atos do leitor. Acho que a leitura pode e deve dar resposta aos problemas sociais e éticos. (SCHOLES, 1991, p. 14)

Além disso, para que se torne um instrumento que auxilia em problemas estruturais da sociedade, é necessário aprender a ler e compreender o que foi lido, além de desenvolver o hábito e a afeição pela leitura, não apenas dentro dos ambientes educacionais, mas sim de modo que, desde pequenas, as crianças sejam apresentadas ao vasto universo da leitura, de forma prazerosa e não apenas como uma obrigação, dentro do sistema educacional. Como propõe Lopes (2017, p. 107) “quanto ao incentivo à leitura, a Literatura Infantil é uma grande aliada e através da contação de histórias os escolares estimulam a criatividade e a imaginação, o senso crítico, a introdução de conceitos e valores e principalmente o prazer pela leitura”.

Portanto, as crianças, mesmo as que estão no início do processo de alfabetização, podem ter ganhos através do contato com os livros e com a leitura, nota-se que uma possibilidade de aproximar as crianças, desde bem pequenas, dos livros é por meio da contação de histórias e da leitura de livros infantis. Ações essas que auxiliam na construção de conhecimentos essenciais para o desenvolvimento da criança, como por exemplo ajudar a lidar melhor com seus medos e emoções. Lopes (2017, p. 101) propõem que “... as crianças liberam suas emoções buscando resolução para seus conflitos internos, através da contemplação da história e do que esta pode oferecer para que ocorra o amadurecimento psíquico.”

#### **4. O que propõe o Currículo em Movimento do Distrito Federal sobre a contação de histórias e da cultura oral**

A contação de histórias é um elemento da cultura oral que possui um grande potencial dentro da sala de aula, de modo que os documentos oficiais, como, por exemplo, o Currículo em Movimento do Distrito Federal, que é uma orientação oficial que tem o intuito de nortear a organização curricular da educação básica no Distrito Federal e de assegurar o direito à aprendizagem aos estudantes do Distrito Federal, reconhece e pontua a contação de histórias em seus objetivos e nos seus conteúdos.

O currículo em movimento do Distrito Federal contempla a organização curricular de todas as fases da educação básica e suas respectivas áreas do conhecimento, dispondo em cada uma das áreas do conhecimento os objetivos de aprendizagem e os conteúdos que devem ser trabalhados em sala de aula. Assim sendo, podemos observar nos objetivos de aprendizagem referentes ao segundo ano do ensino fundamental, que se encontra na tabela referente a Linguagens – Língua Portuguesa, 2º Ciclo – 1º Bloco a seguinte orientação:

"Descrever contos de fadas, lendas que conhece e textos que se sabe de memória." (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 24).

Além disso, podemos observar nos conteúdos referentes ao segundo ano do ensino fundamental, que se encontra no mesmo bloco dos objetivos de aprendizagem citados acima, a seguinte orientação "Escuta, leitura, reconto oral: cantiga de roda, música com movimento, parlenda, trava-língua, lengalenga, adivinhações, piada, quadrinhas, poemas, contos de fadas e lendas, contação de histórias" (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 24).

Outro aspecto, também reconhecido no Currículo em Movimento do Distrito Federal é a oralidade, que pode ser claramente promovida através da contação de história, é um elemento importante a ser desenvolvido em sala de aula. O exercício frequente da oralidade pode auxiliar no convívio social do indivíduo, pode influenciar nos processos de aprendizagem e na forma como o estudante compreende a realidade que o envolve. Com intuito de enfatizar aspectos importantes da oralidade, o Currículo em Movimento do Distrito Federal cita um trecho dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998, expondo que:

A oralidade é uma ferramenta capaz de promover a interação e possibilitar uma aprendizagem integral do estudante. A consciência de que a tomada da palavra é uma das atividades mais importantes a serem desenvolvidas em sala de aula amplia as competências comunicativas e a formação intelectual, sociocultural e crítica dentro e fora da escola. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 24)

Portanto, com base nos aspectos pontuados, é possível afirmar a relevância da contação de histórias dentro do contexto pedagógico, que é reconhecida por diversos pesquisadores e também está presente nas orientações oficiais, que incentivam o exercício da contação de histórias e da cultura oral nas práticas pedagógicas cotidianas.

Como propõe Freire, (1982, p. 11) "uma compreensão crítica do ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo". Assim, o contar pode trazer desde o encantamento pela beleza da narrativa até questionamentos que podem auxiliar no desenvolvimento das capacidades críticas e prazerosas no exercício da leitura pelos estudantes.

## **5. Projeto: Amor pelos contos, fábulas e livros infantis em uma escola pública do Distrito Federal.**

### 5.1. Contextualização e Intenções do Projeto

A instituição de ensino, em que o projeto de contação de histórias foi aplicado, encontra-se em uma região administrativa do Distrito Federal que possui alta incidência de vulnerabilidade social (não irei nomear a região administrativa pois a mesma possui apenas uma escola e a sua nomeação poderia expor a instituição de ensino), como pode ser observado em notícia oficial publicada no site da Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN (2021): “O IVS-DF (Índice de Vulnerabilidade Social do Distrito Federal) é de 0,34. Dentre as 33 regiões administrativas, as com maiores índices de vulnerabilidade social são SCIA/Estrutural (0,72), Sol Nascente/ Pôr do Sol (0,60), Fercal (0,55)” e a região onde a escola está localizada, com o índice de 0,53, bem acima da média do Distrito Federal. A escola também atende a estudantes de outras regiões administrativas, como Paranoá, Paranoá-Parque e Itapoã, que também são reconhecidas pela vulnerabilidade social de parte da população.

Ressalto que tive a oportunidade de conhecer as turmas antes da realização do projeto, pois faço parte da residência pedagógica da Universidade de Brasília, que é um projeto que tem o intuito de aproximar os futuros docentes das vivências dentro das instituições de ensino. A residência iniciou-se no dia 3 de novembro de 2022, já no início das atividades na instituição de ensino conversei com o professor responsável por guiar os graduandos dentro da escola e informei meu interesse em aplicar o projeto. Após ter um retorno positivo do docente, dei início ao planejamento.

O contato com a turma previamente possibilitou uma melhor articulação da estrutura do projeto, pelo fato de que pude conhecer um pouco do perfil das crianças. A aplicação do projeto se deu no início de dezembro, próximo às férias escolares. Ressalto que tive muito apoio dentro da instituição e o projeto foi acolhido pelo professor citado acima, esse que além do apoio disponibilizou horários para que sua turma do 2º ano do ensino fundamental, que continha 22 crianças, pudesse receber o projeto. Apenas três estudantes de uma outra turma de segundo ano participaram do projeto, elas acompanharam apenas a terceira contação de história. A última contação ocorreu muito próximo às férias, muitas crianças não estavam comparecendo às aulas, o que acarretou a junção das turmas.

A partir de então, propus desenvolver um projeto pedagógico com o objetivo de realizar três contações de histórias, sendo elas um conto, uma fábula e um livro infantil em uma escola pública do Distrito Federal. O planejamento e a realização das contações das histórias foram desenvolvidos a partir das orientações do livro *Contar e Encantar*, da autoria



de Cléo Busatto (2012). A autora propõe o contar como um ato sensível e genuíno de troca, em que, para contar bem, primeiro o contador precisa envolver-se, encantar-se e ter o ato de contar como algo prazeroso, para, a partir de então, sensibilizar e encantar os ouvintes (BUSATTO, 2012, p. 87).

O objetivo geral do projeto era compreender os impactos das contações de histórias nas crianças. Os objetivos específicos foram: pesquisar o engajamento dos estudantes com os livros e os temas propostos; investigar as relações dos educandos com suas vivências a partir das histórias contadas; observar os comportamentos dos estudantes em relação ao livro; compreender o que a contação pode provocar nas crianças desde o momento em que são estimuladas a inferir possibilidades a respeito da capa do livro até a pós-leitura.

A instituição de ensino e os estudantes terão, nesta pesquisa, codinomes. A escola será nomeada como Escola Classe Crisântemos (crisântemos é o nome dado às flores da família das margaridas, estas que são conhecidas por sua grande diversidade de espécies, deste modo a referência aos crisântemos representa o multiculturalismo presente na instituição). As crianças também terão codinomes de flores, de modo que cada uma delas terá seu jeitinho especial representado por uma flor.

## **5.2. Primeira contação de história**

### **5.2.1. Contação da fábula *De bem com a vida*, da autora Nye Ribeiro(2007)**

A contação da fábula ocorreu no dia 5 de dezembro de 2022, na Escola Classe Crisântemos, das 07h30 às 09h, tendo como proposta o seguinte roteiro: ambientação, momento da história, levantamento de reflexões proporcionadas pela fábula, momento do desenho. O público ouvinte era composto por 10 crianças do 2º ano A, com idade entre 7 e 8 anos, a atividade foi desenvolvida dentro da sala de aula dos estudantes. Quando questionadas se possuíam livros infantis em casa, apenas duas crianças se manifestaram positivamente, as demais possuíam apenas os livros didáticos. A história foi escolhida com o objetivo de que as crianças pudessem refletir a respeito da individualidade na hora de fazer escolhas, levando em consideração o respeito que devemos ter com as escolhas e preferências de cada um, esta contação também tem como objetivo que as crianças percebam e se interessem pelas formas através das quais é possível ter acesso a leitura, no caso desta ocasião por meio do uso do aparelho celular.

### 5.2.2. Ambientação: O que tem dentro da caixa?

O momento da ambientação foi desenvolvido a partir de uma caixa que comportava um aparelho celular, que continha o arquivo da história *De bem com a vida* de Nye Ribeiro, e o boneco, confeccionado por mim com papel cartão, da personagem principal da fábula. O registro do boneco se encontra na imagem 24, todas as roupas e adereços citados na história são móveis, o que tornou possível a interação com a personagem ao longo da história.

Imagem 24 – Boneco em papel cartão da joaninha Fifi.



Fonte: Acervo pessoal

A princípio foram levantadas hipóteses a respeito de o que poderia ter dentro da caixa. Após revelar o conteúdo da caixa, explorei as possibilidades do uso do celular, que é um aparelho conhecido entre as crianças, de modo que a maioria delas afirmou usar o celular dos pais para verem desenhos. Conversei um pouco a respeito do celular, estudando-o como um instrumento que possui muitas funções, como por exemplo se comunicar com outras pessoas e ver vídeos, propondo também como uma função do aparelho a possibilidade de ler livros e revistinhas.

Segue o conteúdo do arquivo que continha a história:

## História

Essa é uma fábula da escritora Nye Ribeiro

### DE BEM COM A VIDA

Filó, a joaninha, acordou cedo.

— Que lindo dia! Vou aproveitar para visitar minha tia.

— Alô, tia Matilde. Posso ir aí hoje?

— Venha, Filó. Vou fazer um almoço bem gostoso.

Filó colocou seu vestido amarelo de bolinhas pretas, passou batom cor-de-rosa, calçou os sapatinhos de verniz, pegou o guarda-chuva preto e saiu pela floresta: plecht, plecht...

Andou, andou... e logo encontrou Loreta, a borboleta.

- Que lindo dia!

- E pra que esse guarda-chuva preto, Filó?

- É mesmo! - pensou a joaninha. E foi para casa deixar o guarda-chuva.

De volta à floresta:

- Sapatinhos de verniz? Que exagero! - Disse o sapo Tatá. Hoje nem tem festa na floresta.

- É mesmo! - pensou a joaninha. E foi para casa trocar os sapatinhos.

De volta à floresta:

- Batom cor-de-rosa? Que esquisito! - disse Téó, o grilo falante.

- É mesmo! - disse a joaninha. E foi para casa tirar o batom.

- Vestido amarelo com bolinhas pretas? Que feio! Por que não usa o vermelho? - disse a aranha Filomena.

- É mesmo! - pensou Filó. E foi para casa trocar de vestido.

Cansada de tanto ir e voltar, Filó resmungava pelo caminho. O sol estava tão quente que a joaninha resolveu desistir do passeio.

Chegando em casa, ligou para tia Matilde.

- Titia, vou deixar a visita para outro dia.

- O que aconteceu, Filó? - Ah! Tia Matilde! Acordei cedo, me arrumei bem bonita e saí andando pela floresta. Mas no caminho...

- Lembre-se, Filozinha... gosto de você do jeitinho que você é. Venha amanhã, estarei te esperando com um almoço bem gostoso.

No dia seguinte, Filó acordou de bem com a vida. Colocou seu vestido amarelo de bolinhas pretas, amarrou a fita na cabeça, passou batom cor-de-rosa, calçou seus sapatinhos de verniz, pegou o guarda-chuva preto, saiu andando apressadinha pela floresta, plecht, plecht, plecht... e só parou para descansar no colo gostoso da tia Matilde.

### 5.2.3. Momento da história

Após revelar quais objetos estavam dentro da caixa, o boneco da joaninha Fifi, personagem principal, foi adesivado no quadro negro para que todos pudessem ver. Foi realizado um acordo com as crianças em que elas se comprometeriam a ouvir a história e que posteriormente todas poderiam comentar e tirar suas dúvidas.

A história narrava o dia em que Fifi resolveu visitar sua tia Matilde e no caminho seus amigos a interrompiam, durante sua caminhada, para fazer comentários negativos sobre suas roupas. As críticas deixavam a joaninha triste e ela voltava à sua casa e retirava suas

roupinhas coloridas. As crianças se mostraram concentradas, acompanhando atentamente cada momento da história.

#### **5.2.4. Levantamento de reflexões proporcionadas pela fábula**

Após a história, as crianças estavam animadas para comentar, quando questionadas a respeito de quais acontecimentos chamaram a atenção, elas fizeram os seguintes comentários:

Margarida: - Tia, eles falaram mal das roupas da Fifi.

Alisson: - Eu não gostei deles falarem mal das roupinhas dela.

Dália: - Tia, se alguém falar mal da minha roupa eu vou mandar a pessoa ficar quietinha, porque não é legal.

Partindo dos questionamentos, pude dialogar um pouco com as crianças a respeito do direito que as pessoas têm de fazer suas próprias escolhas, de ter o seu próprio estilo e de gostarem de coisas diferentes, sendo que as pessoas não devem ser julgadas ou diminuídas a partir de suas escolhas.

#### **5.2.5. Momento do desenho**

Como atividade, para finalizar a contação da história, foi proposto que as crianças fizessem um desenho da joaninha Fifi ou de outros bichinhos que aparecem na história. A atividade teve como objetivo que cada um desenhasse um dos animais do seu jeito, com seu estilo, e ao final mostrassem o resultado aos colegas, de modo a promover a percepção de que cada um fez escolhas diferentes para elaborar o desenho.

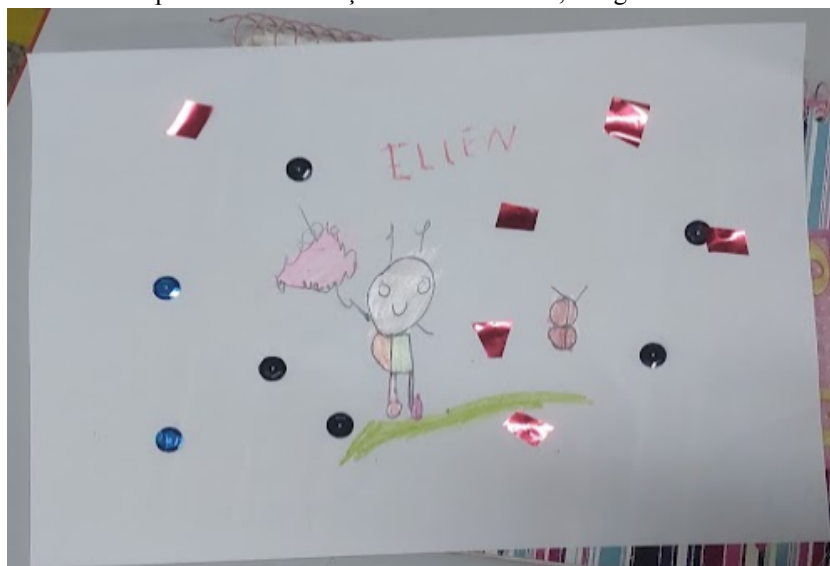
Logo abaixo, podemos observar na imagem 25 o desenho da Joaninha Fifi feito por uma das crianças, inspirado na copa do mundo de 2022, pois o projeto foi aplicado no mesmo mês. Já na imagem 26 temos a representação da Joaninha Fifi, seu guarda-chuva e Loreta a borboleta. Na imagem 27 temos dois desenhos da Loreta a borboleta, coloridos com cores diferentes. Como pode ser observado, os desenhos são bem diferentes e todos são belíssimos, cada um com seu estilo e características pessoais dos pequenos artistas que os desenharam.

Imagem 25 – Desenho feito por uma das crianças inspirado na copa do mundo de 2022.



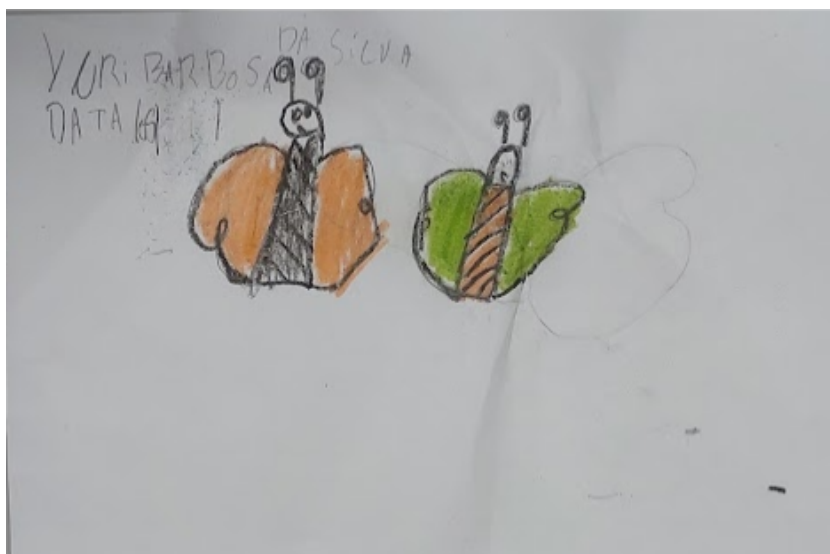
Fonte: Acervo pessoal

Imagem 26 – Desenho feito por uma das crianças da Joaquina Fifi, seu guarda-chuva e Loreta, a borboleta.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 27 – Loreta, a borboleta.



Fonte: Acervo pessoal

### 5.2.6. Observações gerais

Em síntese, durante o tempo em que a contação de história foi realizada, as crianças se mostraram comprometidas com a dinâmica proposta, sendo ela ouvir a história e após socializar seus questionamentos. Muitas delas se mostraram tocadas com o enredo da história, pois associaram as críticas que a joaninha Fifi recebeu com situações do dia a dia, em que suas escolhas não são bem-vistas, demonstrando assim um envolvimento multilateral com a história contada.

Foi observado o envolvimento afetivo de comoção pela situação enfrentada pela personagem principal, as crianças demonstraram muita imersão observando cada detalhe da leitura atentamente e pediram para ver como era o arquivo no celular após a história. Sendo que partindo desses aspectos pode-se observar que a contação de histórias desencadeia muitas sensações nas crianças em relação aos elementos que fazem parte da História.

## 5.3. Segunda contação de história

### 5.3.1. Contação da história *cavalinho de pau*, da autora Mabel Velloso

A leitura do livro ocorreu no dia 08 de dezembro de 2022, na Escola Classe Crisântemos, e desenvolveu-se das 07h30 às 09h, tendo como proposta o seguinte roteiro:

explorar a capa do livro e sondar suas principais informações, momento da história, levantamento de detalhes que se sobressaíram da história e pintar e nomear o cavalinho de papel. O público ouvinte era composto por 22 crianças do 2º ano A, a atividade foi desenvolvida dentro da sala de aula. Quando questionadas novamente se possuíam livros infantis em casa, pois na primeira contação de histórias só compareceram 10 alunos da turma, das 22 crianças apenas 5 sinalizaram positivamente, as demais possuíam apenas os livros didáticos.

A escolha do livro se deu principalmente por dois motivos, um deles é a representatividade, pelo fato de que o livro tem como personagem principal uma criança negra e muitas crianças da turma são negras. O outro motivo é o fato de a autora explorar a criatividade e a imaginação no enredo da história, aspectos importantes para o desenvolvimento infantil. Como propõe Vigotski, (2014, p. 6), “Uma das questões mais importantes na psicologia e na pedagogia infantil é a capacidade de criação nas crianças, do estímulo dessa capacidade e a sua importância para o desenvolvimento geral e a maturação da criança”.

### **5.3.2. Estudo da capa do livro e de suas principais informações**

A capa do livro apresenta um menino montado em um “cavalo”, sendo que sua rédea é uma corda fina e o cavalo é um cabo de vassoura. Após mostrar a todos o livro e de mostrar a imagem da autora, realizei perguntas com o intuito de criar hipóteses a respeito da história:

Contadora: - O que tem nessa imagem da capa do livro?

Alunos: - Tem um menino, tia. (várias crianças responderam ao mesmo tempo)

Margarida: - Nossa tia, tem um menino moreninho.

Contadora: - Humm, que interessante. Tem um cavalinho aqui na capa?

Alunos: - sim. (várias crianças responderam ao mesmo tempo)

Contadora: - E o que mais? Como é esse cavalinho?

Narciso: - É um cavalinho de brinquedo, eu tinha um desse, mas o meu tinha uma cabeça de plástico.

Contadora: - Sobre o que será que a história vai falar?

Delfino: - Do menino e do cavalo.

### **5.3.3. Momento da história**

Após mediar as hipóteses a respeito da capa do livro, foi dado início à leitura da história. No decorrer da contação, realizei duas interrupções, previamente planejadas, para sondar os alunos a respeito das palavras “rédea” e “crina”, apenas uma das crianças sabia o significado das palavras, sendo assim expliquei brevemente o significado de ambas e dei sequência à leitura. No mais, o momento da história fluiu bem e as crianças se mantiveram atentas ao desenrolar das aventuras do menino e de seu cavalo.

### **5.3.4. Levantamento de detalhes que se sobressaíram da história**

A princípio, conversei com as crianças a respeito do desfecho da história, por ser a parte mais complexa, pois no início da história o personagem principal (a criança) fica muito feliz por ganhar o cavalo de seu pai e passa um longo período brincando com ele, quando o cansaço vem, a criança adormece na varanda de sua casa e começa a sonhar que seu cavalo de pau é um cavalo de verdade, que escapou da rédea e está fugindo.

Depois de explicar para algumas crianças que não entenderam que o menino tinha sonhado com a fuga, acordou angustiado e riu da situação inusitada, pude explorar um pouco o fato de que quando dormimos sonhamos com coisas diferentes e que cada um de nós sonha de forma única. Aproveitando a situação proposta pelo livro, falei também sobre o poder da nossa imaginação, perguntei se as crianças gostavam de brincar e qual era seu brinquedo favorito. Seguem abaixo algumas respostas obtidas:

Estrelícia: - Tia, eu tenho uma casa da Barbie e gosto de brincar como se fosse a casa que minhas bonecas moram.

Delfino: - Eu tenho um carrinho de controle remoto e quando minha mãe deixa eu brinco com ele de apostar corrida.

Margarida: - Eu tenho uma boneca chamada Lala e gosto muito de brincar de mentirinha que ela é minha filha e eu cuido dela.

### **5.3.5. Pintura e nomeação do cavalo de papel**

Como proposta de atividade confeccionei origamis em formato de pequenos cavalinhos, por ter pouco tempo levei os origamis já prontos, propus que as crianças



pintassem seus cavalinhos com tinta guache e que lhes atribuíssem um nome. Alguns dos nomes escolhidos foram: Elis, Cavalo, Senhor Cavalo, Lulu. Em seguida reservei alguns minutos para que as crianças pudessem brincar um pouco com seus cavalinhos, como forma de incentivar a imaginação das crianças e com isso encerrar o encontro. A imagem 30 é o resultado de um dos cavalinhos, após a pintura e o livro que inspirou a atividade, as imagens 29 e 30 demonstram alguns registros do momento da pintura dos cavalinhos e.

Imagem 28 –Um dos cavalinhos prontos, após a pintura e o livro que inspirou a atividade.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 29 – Criança colorindo seu cavalinho.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 30 – Criança misturando algumas tintas e colorindo seu cavalinho.



Fonte: Acervo pessoal

### 5.3.6. Observações gerais

Após a contação da história, as crianças se empolgaram bastante falando da forma como brincavam e imaginavam com seus brinquedos preferidos. Elas ficaram muito interessadas em ver o livro de pertinho no final da história e exploraram as imagens que contextualizam a narrativa.

Ao estimular o diálogo relacionando as vivências das crianças com a história, percebi que praticamente todas ficaram atentas e interessadas no livro, ao pegá-lo nas mãos algumas crianças se arriscaram a ler algumas palavras e socializaram as suas experiências e conhecimentos prévios. O momento se mostrou propício para que as crianças pudessem associar suas vivências mais profundas ao enredo da história.

## 5.4. Terceira contação de história

### 5.4.1. Contação da história *Contos Clássicos: Chapeuzinho Vermelho*

A leitura do conto ocorreu no dia 15 de dezembro de 2022, na Escola Classe Crisântemos, das 07h30 às 09h, tendo como proposta o seguinte roteiro: explorar a capa do livro e destacar suas principais informações, momento da história, levantamento de detalhes /que se sobressaíram da história e o momento vamos jogar. O público ouvinte era composto por 2 crianças do 2º ano A e 3 crianças do 2º ano B, a atividade foi desenvolvida dentro da sala de aula. Esta contação de história foi aplicada para 5 crianças pelo fato de ter ocorrido

muito próximo às férias e poucas crianças compareceram para a aula. É importante ressaltar que as 5 crianças tiveram dificuldades no processo de alfabetização durante este ano, por este motivo foram orientadas a frequentar fielmente as aulas até o último dia letivo.

A história foi escolhida com intuito de que as crianças pudessem refletir sobre o que fazer diante do contato com pessoas estranhas, das quais não se tem nenhum conhecimento, em situações cotidianas como no shopping, na rua, quando seus pais não estão por perto.

#### **5.4.2. Estudo da capa do livro e de suas principais informações**

Sendo a história escolhida um clássico da literatura infantil, explorei em conjunto com os elementos da capa do livro as versões da história que as crianças conheciam. Quando questionadas se já conheciam a história, todas sinalizaram que sim. Partindo da resposta, pedi que as 5 crianças contassem um pouco da versão que conheciam. Após todas socializarem seus relatos, foi possível constatar que existem diferentes versões da história Chapeuzinho Vermelho, dependendo da fonte da história ou do livro em que ela se encontra. Com isso foi levantado o suspense a respeito de qual versão o livro, o qual mostrei diante das crianças, traria da história.

#### **5.4.3. Momento da história**

A leitura foi fluida e sem interrupções, como o livro tinha um tamanho mais avantajado as crianças ficaram atentas às ilustrações. Ao final da história as crianças demonstraram empolgação em pegar o livro, todos puderam vê-lo e admirar suas ilustrações de pertinho. Uma das crianças do pequeno grupo se aventurou na leitura de um trecho da história espontaneamente, porém teve muita dificuldade e desistiu.

#### **5.4.4. Levantamento de detalhes que se sobressaíram da história**

Após a história Chapeuzinho Vermelho, que se aventurou em caminhos que não conhecia pela floresta e falou com o lobo no caminho da casa da vovó, questionei as crianças a respeito de qual era a principal mensagem que o livro transmitia e obtive as seguintes respostas:

Amarílis: - Não falar com estranhos.

Begônia: - Não andar em lugares desconhecidos sozinha.

Rosa: - Não desobedecer.

Refletindo a respeito dos principais acontecimentos do conto da Chapeuzinho Vermelho, foi possível conversar e até orientar as crianças em relação ao risco de sair sozinhas de casa e conversar com estranhos na rua.

Residente: - Alguém já se perdeu dos pais no shopping ou na rua?

Rosa: - Sim, tia, uma vez eu me perdi da minha mãe em uma loja de roupas, ela me achou depois chorando embaixo do negócio que pendura as roupas.

Nesse momento foi possível também orientar as crianças sobre quem procurar nessas horas, propondo que o melhor a fazer é sempre procurar, quando possível, um guarda, como os que temos na entrada da escola ou alguém que trabalhe, de modo geral, na loja ou estabelecimento onde a criança se encontra.

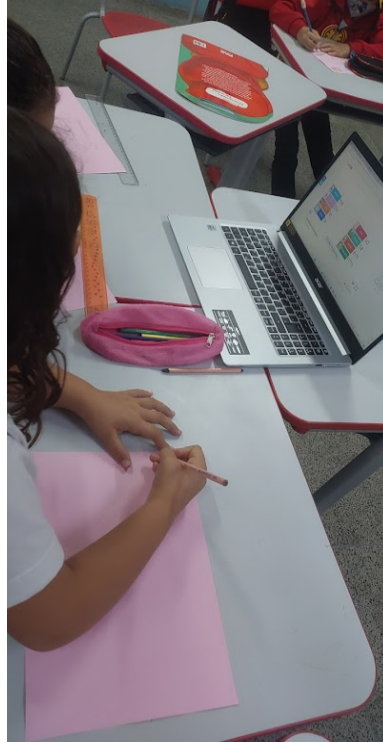
#### **5.4.5. Vamos jogar**

A proposta de jogo realizada após a leitura da história foi elaborada a pedido do professor regente da turma do 2º ano A. Ele pediu que fosse realizado um jogo ou atividade relacionada à consciência fonológica, que partindo do que propõem Leite e Morais (2012. p.20) é a consciência fonológica que nos permite compreender, refletir e articular as partes sonoras das palavras. O jogo foi desenvolvido a partir de uma plataforma digital onde é possível elaborar pequenos jogos de perguntas e respostas, o jogo foi elaborado a partir de algumas palavras que estavam na historinha contada e seu objetivo principal era relacionar corretamente o som das sílabas ao som da última sílaba das palavras. O jogo era composto por uma coluna de palavras e uma coluna de sílabas, como por exemplo a palavra LOBO, as crianças teriam que ligar a palavra lobo até a sílaba BO que se encontrava em outra coluna, desse modo a criança sinaliza que reconhece que o som bo está no final da palavra lobo e a resposta estaria correta.

Ao final do game, o site realiza a correção das respostas sinalizando os erros e acertos. As crianças se mostraram muito empolgadas em jogar no notebook. Como as crianças atendidas eram apenas 5, foi possível organizar de modo que todas pudessem jogar e tomar nota de suas respostas. As imagens 31 e 32 demonstram alguns registros do momento da

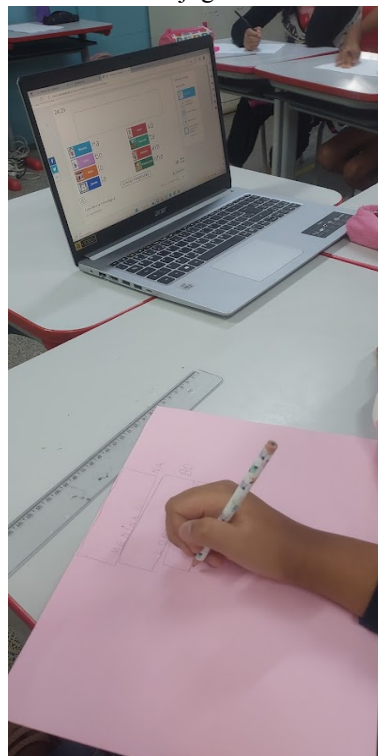
atividade em que as crianças executam o jogo relacionado a consciência fonológica. A imagem 33 traz as anotações de uma das crianças e o livro usado para contar a história.

Imagem 31 – Crianças executando o jogo relacionado à consciência fonológica.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 32 – Criança tomando nota do jogo relacionado à consciência fonológica.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 33 – Ficha de anotações do jogo de uma das estudantes e o livro que o inspirou.



Fonte: Acervo pessoal

#### 5.4.6. Observações gerais

Essa contação de história foi a última realizada no projeto. Foi observado que, durante a contação da história, além de despertar a curiosidade das crianças em relação ao livro apresentado, foi possível trabalhar questões importantes, como por exemplo a quem as crianças devem procurar quando se perdem dos pais ou o cuidado que devem tomar em relação a com quem conversam na rua.

Podemos tomar como reflexão que, além de trabalhar esses pontos, a história possibilitou que as crianças pudessem socializar o medo que têm de se perder. O relato da criança que se perdeu na loja de roupas promoveu o debate entre as demais, de modo que elas puderam externar seus temores e refletir sobre eles. Além disso, a pedido do professor da turma, foi possível trabalhar o conhecimento de sílabas, a partir de palavras significativas destacadas da história, especialmente porque se tratava de crianças em processo de alfabetização.

## 6. Observações e resultados do projeto

Como observação geral do projeto, deixo como aspectos que se destacaram de modo recorrente, a forte relação entre o contar, o ouvir, o ler e os relatos afetivos despertados pelas histórias. Esses foram elementos que sempre estavam presentes nos gestos, nos interesses e nas falas das crianças. Em síntese, foi observado que os alunos ouviram atentamente todas as histórias e a partir do tempo reservado para conversar sobre a contação as crianças contavam suas próprias histórias e socializaram suas experiências, seja através de um brinquedo que eles possuíam, que era próximo ao que aparece na história ou através da identificação emocional e cultural entre as histórias e suas próprias vivências.

Um dos aspectos que se destacaram durante a aplicação do projeto foram os momentos em que as crianças se identificaram emocionalmente com as histórias. Como por exemplo, em uma das conversas após a história, durante a terceira contação, uma das crianças fez uma relação entre a história da Chapeuzinho Vermelho e um episódio em que ela se perdeu da mãe em uma loja, a criança relatou que o incidente causou muito medo, aflição e que tudo acabou bem.

Partindo do que propõe Lopes (2017, p. 101), na reflexão proposta na página 30 deste artigo, a contemplação das histórias pode auxiliar na resolução de conflitos internos e, por assim dizer, auxiliar as crianças na administração de seus sentimentos. Desse modo, o relato da criança demonstrou um movimento de identificação emocional, principalmente se levarmos em consideração que a criança da história (Chapeuzinho Vermelho) passa por momentos de tensão e, a partir da assimilação, essa aluna reviveu seu próprio momento de tensão, o que pode ter proporcionado a ela um momento importante, em que ela revive e compreende melhor um sentimento complexo, principalmente para as crianças, que é o medo.

Outro aspecto que chamou atenção durante a aplicação do projeto foi a falta de acesso a livros infantis em casa, para a grande maioria das crianças participantes. Durante o projeto, um total de 25 crianças participaram das atividades, apenas 5 afirmaram ter livros infantis em casa, o fato de apenas um pequeno grupo ter acesso a livros de literatura infantil é preocupante e realça ainda mais a necessidade de que as escolas ofereçam o acesso aos livros e experiências de leitura às crianças.

O Ministério da Educação (Brasília, 2006) publicou o livro “Por uma política de formação de leitores” citado na página 29 deste artigo, que discorre a respeito da leitura como prática sociocultural e sobre a importância de a leitura estar em diferentes contextos do

cotidiano. O que, infelizmente, não foi observado durante o projeto e isso demonstra que existe carência em relação ao acesso a livros e incentivo ao hábito de ler até mesmo dentro das escolas, que não conseguem disponibilizar livros para as crianças mesmo sendo um espaço prioritário para ter livros infantis.

A falta de acesso a livros para crianças de fundamental I e para todos os anos da educação básica, precisa ser levado em consideração por agentes que planejam as políticas educacionais. O acesso aos livros é o que possibilita políticas de formação de leitores e bons leitores, muitas vezes, são aqueles que constroem o hábito de ler desde a infância, compreendendo o hábito de ler não como uma obrigação, mas sim pelo prazer para deleitar-se sobre o encanto da narrativa, vivenciando desse modo a essência do hábito de ler.

Outro aspecto relevante observado no decorrer do projeto foi o interesse das crianças pelos livros das histórias contadas, sendo que Lopes (2017, p. 7) destaca a contação de histórias como uma das possibilidades de influenciar o prazer pela leitura. O movimento de interessar-se por pegar nas mãos os livros usados nas contações e as ações de tentar ler algumas palavrinhas nos livros e observar as imagens foram atitudes das crianças observadas durante a realização do projeto. Portanto, esse interesse que as crianças demonstraram a respeito dos livros levados para contar as histórias, evidenciou que a contação de histórias é um possível caminho para o desenvolvimento de uma leitura prazerosa e para o despertar do interesse pelos livros, pela leitura e pelo aprendizado da leitura e da escrita.

Além disso, outro ponto que se destacou no decorrer do projeto foi observado durante a contação da história do livro “Cavalinho de pau”, da autora Mabel Velloso, que apresenta uma criança negra brincando e se aventurando pelo mundo da imaginação, a história chamou imediatamente a atenção das crianças, friso novamente um dos primeiros comentários de uma das crianças negras da turma:

Contadora: - O que tem nessa imagem da capa do livro?

Alunos: - Tem um menino tia. (várias crianças responderam ao mesmo tempo)

Margarida: - Nossa tia, tem um menino moreninho.

Como propõe Busato (2012, p. 10), citada na página 28 deste artigo, “Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos étnicos”. Diante do exposto, podemos inferir que a contação de história pode também ser capaz de promover a representatividade, sendo que, a partir da ênfase que as crianças dão ao personagem da história, podemos deduzir que infelizmente esses momentos de representatividade, onde as crianças negras vêem personagem na literatura infantil que



também são negras, não são tão comuns como deveriam ser dentro da sala de aula e o contar trouxe esse sentimento tão importante de identificação, uma criança negra como o personagem principal e se aventurando através do brincar.

É necessário construir, dentro dos espaços educativos, ambientes não racistas que contemplem a diversidade cultural dentro da sala de aula, e esse caminho pode ser trilhado através da riqueza cultural africana e indígena, que tão pouco se expressa dentro das escolas. Desenvolver um ambiente representativo em sala de aula é difícil, precisa ser guiado por muita leitura e reflexões sobre nossa realidade, ao mesmo tempo que é preciso que professores e futuros professores tenham consciência de nosso poder de desconstruir o racismo, usando de uma ferramenta muito importante que temos, a docência.

## **7. Considerações finais**

Este trabalho iniciou com uma pesquisa bibliográfica a respeito da contação de histórias e da formação do contador. Em seguida, foi desenvolvido um projeto de contação de histórias denominado *Amor pelos contos, fábulas e livros infantis*, em uma escola pública do Distrito Federal, com objetivo de compreender a contação de história como uma experiência pedagógica. O desenvolvimento do projeto teve como um dos principais objetivos compreender o que a contação de histórias é capaz de proporcionar em sala de aula, de modo a observar o que as crianças demonstraram a partir das histórias e dos livros levados para as contações.

Nesta pesquisa foi constatado que a contação de histórias promoveu estímulos à leitura, aproximou as crianças dos livros, auxiliou no enfrentamento das emoções e principalmente se mostrou como um meio muito significativo de promoção do acesso à cultura e representatividade nos primeiros anos do ensino fundamental. Portanto a contação de histórias demonstrou, além de uma belíssima expressão da arte e da cultura oral, muito potencial dentro da sala de aula.

## 8. REFERÊNCIAS

Aluno morre quando ia de 'pau de arara' à escola. **Diário do Nordeste**, Escrito por Redação, 00:19 - 16 de Set. de 2011.. Segurança. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/aluno-morre-quando-ia-de-pau-de-ara-a-escola-1.739526?page=9>>. Acesso em: 24 de jan de 2023.

BERENBLUM, Andréa. PAIVA, Jane. **Por uma política de formação de leitores**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

Busatto, Cléo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 8°. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CODEPLAN, Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **Índice de Vulnerabilidade Social do Distrito Federal é de 0,34**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/indice-de-vulnerabilidade-social-do-distrito-federal-resultado-s/>. Acesso: Jan. 2023.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em Movimento do Distrito Federal - Ensino Fundamental: Anos Iniciais – Anos Finais**. 2. ed. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ta. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEITE, Tânia Maria S. B. Rios; MORAIS, Artur Gomes de. **O Ensino do Sistema de Escrita alfabética: por que vale a pena promover algumas habilidades de consciência fonológica?** BRASIL. A aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. UNIDADE 3 | ANO 1. Brasília, 2012. Ministério da Educação

LOPES, Claudia Regina Matas. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na estimulação da linguagem oral e escrita de crianças com dificuldades de aprendizagem**. 2016. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo, Bauru, 2017. doi:10.11606/D.25.2017.tde-30052017-205503. Acesso em: 2022-11-17.

MOREIRA, Geraldo Eustáquio. **O mestrado Profissional e a formação interdisciplinar no ensino de Matemática: Do disciplinar ao transdisciplinar**. In FERREIRA, João Roberto Resende; PORTO, Marcelo Duarte; SANTOS, Miley Luciene dos. os desafios do ensino de ciencias no século XXI e a formação de professores para a educação Básica. Curitiba: CRV, pp. 217-231, 2017.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

VYGOTSKY, L.S. **Criatividade e imaginação**. In: Imaginação e criatividade na infância. Trad. João Pedro Fróis. Editora WMF Martins Fontes, 2014, p. 1-7.

SCHOLES, Robert. **Protocolos de leitura**. Trad. Ligia Guterres. Lisboa: Edições 70, 1991.